

# 1

## Introdução

O foco temático do presente estudo é a homossexualidade na adolescência. A proposta consiste em 1) mostrar como são construídas as identidades de um adolescente homossexual nas relações consigo e em redes sociais em que está inserido da infância à adolescência - a família, os amigos e pessoas estranhas presentes em contextos sociais de seu convívio; 2) discutir diferentes categorias de sexualidade, envolvendo os conceitos de heterossexualidade, homossexualidade, gay, homoerotismo e homoafetividade.

Os dados para análise compõem um estudo de caso, co-construídos junto ao pesquisador em uma entrevista de pesquisa de natureza etnometodológica (Baker, 2001; Hutchby & Wooffitt, 1988) e sociolinguística (Schiffrin, 1993).

O estudo foi feito na interface de abordagens da análise da narrativa (Labov, 1972; Linde, 1993; Mishler, 2002; Bastos, 2005) e de construção de identidades masculinas homossexuais, em âmbito macro social (Barcellos, 2000; Parker, 2002; Uziel, 2004; Nascimento, 2004; Bento, 2006; Bonetti & Fleischer, 2007; Silva, 2007; Trevisan, 2007) e micro discursivo na ordem interacional (Lead, 1996; Livia, 1997; Liang, 1999; Moita Lopes, 1998, 2002, 2003; Bamberg, 2002; Roland, 2003; Santana, 2003; Borba, 2006; Oliveira, 2006).

A pesquisa também apresenta reflexões a partir das categorias “gay” construídas pelo entrevistado. A análise está sendo feita sob a ótica de Sacks (1992) que trata dos mecanismos de categorização e importância das categorias para a organização social.

O interesse por este estudo surgiu há alguns anos, em Brasília, quanto tive a oportunidade de trabalhar como docente em uma escola de ensino fundamental da rede pública do Distrito Federal. Havia três adolescentes homossexuais que eram estigmatizados pelos colegas e professores; comumente eram encaminhados à Direção pelos professores por causa dos problemas gerados em sala de aula advindos do que no senso comum é compreendido como comportamento homossexual e da homofobia.

Os membros da Direção não conseguiam solucionar os conflitos e, quando convidavam os pais a participarem da vivência escolar de seus filhos, havia uma indiferença aos casos e rejeição ao comportamento dos filhos. Comecei a estudar e a procurar literatura que auxiliasse no trabalho com adolescentes homossexuais e detectei que as obras sobre o assunto não ajudavam a amenizar os problemas de relacionamento e a melhorar a vida dos jovens e das famílias.

Motivado pelos atendimentos aos alunos homossexuais e suas famílias, iniciei uma pesquisa em que passei a conversar mais com os adolescentes de 15 a 18 anos sobre a homossexualidade e as suas relações com a família, amigos e estranhos.

Nas interações, notei que os garotos resgatavam experiências que contribuíam para a construção de suas identidades sociais. As histórias sempre estavam relacionadas aos pais, amigos gays, colegas e pessoas estranhas. Quando se reuniam com seus amigos gays, havia sempre uma troca de palavras carinhosas e vocábulos que remetiam ao termo homossexual.

Na pesquisa, houve uma preocupação em usar os termos referentes ao homossexual ou gay e homossexualismo ou homossexualidade. A temática da homossexualidade, envolvendo outras nomeações como gay e homoerótico (Costa, 1992;1995), traz muitas discussões que envolvem o estudo do estigma. O termo estigma e seus sinônimos, segundo Goffman (1988 p.14), ocultam uma dupla perspectiva: assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e não é imediatamente perceptível por eles. No primeiro caso, está se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável. Os homossexuais são estigmatizados por nossa sociedade que os leva ao descrédito e os torna, aos olhos dos outros, diferentes, e até inferiores.

Pesquisas de autores como Trevisan (2007) e Green (2000, 2006) têm assim a finalidade de desconstruir estereótipos e imagens pré-estabelecidas por um senso comum disseminado em ideologias hegemônicas. Diferentes práticas sexuais são consideradas como as diversas maneiras de apropriação e uso social da sexualidade.

Não há, assim, um objetivo de taxá-las como patologia, desvio ou uma simples inadequação ao meio social idealizado, mas de levar à reflexão sobre muitos questionamentos a respeito dos modos de viver relacionados à homossexualidade que ainda é comumente tratada como tabu, abordada com pudor, conservadorismo ou é regulada pela heteronormalidade (Herdt, 1997, p.11).

O adolescente homossexual, além de passar por todas as dúvidas de um adolescente heterossexual, enfrenta uma família e uma sociedade heterossexistas, é estigmatizado, alvo de preconceito e de aprisionamento identitário. Ele vai construindo uma identidade que não é inerente, individual e intencional. Como dizem Bucholtz e Hall (2004, p. 493), a identidade não pode ser inerente se ela é um resultado emergente (em vez de uma fonte pré-existente) das ações sociais; ela não pode ser individual, se é socialmente negociada; e não pode ser totalmente intencional, já que é produzida por práticas e ideologias que excedem nossa consciência.

Quando trabalhamos com a questão da identidade, emergem posições diferentes como a tensão entre as perspectivas essencialistas e as perspectivas não-essencialistas. Neste estudo, observamos um investimento dos pesquisadores (Castañeda, 2007; Erikson, 1972; Green, 2000, 2006; Isay, 1998; Silva, 2007; Suplicy, 1998) em defender a definição essencialista da homossexualidade como um conjunto autêntico de características que todos os homossexuais partilham e que não mudam ao longo do tempo. O essencialismo ainda fundamenta as suas afirmações na história e na biologia, enquanto que uma definição não essencialista (Bamberg, 2002; Barcellos, 2000; Bento, 2006; Borba, 2006; Bucholtz & Hall, 2005; Lead, 1996; Moita Lopes, 1998, 2002, 2003; Oliveira, 2006; Parker, 2002; Roland, 2003; Santana, 2003; Sarup, 1996; Uziel, 2004) enfoca também as diferenças, as características comuns e partilhadas e as formas pelas quais as definições do que significa ser um homossexual têm mudado ao longo dos anos.

Estudos sobre a homossexualidade masculina na adolescência (Lead, 1996; Mott, 1996; Suplicy, 1998) vêm sendo discutidos desde os anos 90 em que vivemos um processo de transformação e luta por liberação dos direitos dos homossexuais. As pesquisas que se referem ao adolescente acompanharam o crescimento e visibilidade da comunidade homossexual nas cidades brasileiras,

como testemunham as imagens das centenas de milhares de pessoas reunidas nas paradas organizadas para celebrar o Dia do Orgulho Gay.

A temática também tem despertado interesse de estudiosos da linguagem (Leap, 1996; Lívia, 1997; Moita Lopes, 2002, 2003, 2006; Oliveira, 2002). Esses estudos enfocaram também a homossexualidade na família e na escola (Roland, 2003), mas não aprofundaram os conflitos relacionados ao 'eu', à família, aos amigos e a estranhos.

A partir do que expus, esta pesquisa justifica-se por trazer à tona a temática da homossexualidade na adolescência, as interações e as negociações que ainda afligem jovens e familiares. As perguntas da pesquisa, em nosso estudo de caso, focalizam a rede de relações de convívio do adolescente e suas construções identitárias, na interação com o entrevistador. Do ponto de vista das construções e/ou posições identitárias, as perguntas envolvem as 'projeções do eu' e as redes de relações sociais em que o adolescente está envolvido, a saber:

(i) Como se dão as construções identitárias do adolescente na relação consigo mesmo, com a família, os amigos e pessoas estranhas no percurso de assumir a sua sexualidade, no contexto de narrativas, crônicas e explicações?

(ii) Como se dão as 'projeções do eu' e que personagens o adolescente articula em suas narrativas, crônicas e explicações?

(iii) Como o adolescente constrói suas posições do ponto de vista discursivo?

(iv) Como se relacionam as construções da análise da narrativa com as construções e/ou posições identitárias?

As perguntas da pesquisa se colocam também em relação à co-construção de identidades sexuais, do ponto de vista do entrevistado e do entrevistador. Veja-se:

(v) Que categorias de gênero e sexuais são construídas?

(vi) Como essas categorias se relacionam com a discussão sobre as categorias nomeadas como homossexualidade, homoerotismo, homoafetividade, identidades gay, heterossexualidade?

Ao discutirmos o assunto, colocaremos em questão posicionamentos em relação às categorias, especialmente a partir dos estudos de homossexualidade

(Catañeda, 2007; Green, 2000, 2006), homoerotismo (Costa, 1992, 1995), homoafetividade (Oliveira, 2006), identidade gay (Silva, 2007).

Os termos ‘homossexualidade’ e ‘homossexualismo’ ainda carregam crenças do século XIX, em que os indivíduos ‘homossexuais’ eram considerados doentes ou aberrações (Costa, 2002, p. 25). Os termos ‘homoerotismo’ e ‘homoerótico’, propostos por Costa (2002, p. 11), são mais adequados para as práticas e vivências da atualidade e são passíveis de uma abordagem mais iluminadora e libertadora, pois não remetem ao ideário do século XIX que concebia homossexual/homossexualidade como sendo doenças físicas ou psicológicas.

Passemos agora aos objetivos de pesquisa, que consistem em:

(i) Mostrar, no contexto da entrevista de pesquisa e da análise da narrativa, posições e/ou construções identitárias, envolvendo:

- a) práticas sexuais no contexto da família quando criança;
- b) convivência familiar e na rede de relações sociais;
- c) experiências de negação e aceitação no momento em que assume práticas de homossexualidade na adolescência;

(ii) Discutir concepções sobre o que é ser homossexual, gay, homoerótico, a partir de categorias construídas pelos participantes, entrevistador e entrevistado, no contraponto com discussões de outros estudos já realizados.

(iii) Refletir sobre como se relacionam as construções identitárias e a análise da narrativa.

A dualidade entre a aceitação e negação é evidenciada na relação consigo mesmo e nas representações que faz do convívio com sua família, com amigos e estranhos. Assim, não pretendemos somente fazer uma descrição das relações e conflitos vivenciados pelo adolescente homoerótico, mas investigar como ele se constrói nessas relações.

Estudos como os de Costa (1992, 1995), Moita Lopes (2002, 2003) que buscam elucidar as construções de identidades homoeróticas são de extrema relevância para reavaliar nossas posições ideológicas. Esses estudos trazem realidades que são ignoradas e marginalizadas por uma sociedade homofóbica. A

importância da discussão se explica pelo grande momento de reflexividade que experienciamos na vida contemporânea. Faz-se urgente mais discussões que gerem mudanças de atitudes e comportamentos que respeitem os homossexuais e enfrentem o preconceito.

A pesquisa, reiteramos, contempla os estudos da análise da narrativa e os estudos de construção de identidades masculinas homossexuais. Do ponto de vista da narrativa, o enfoque se dá, especialmente a partir de Linde (1993), com foco nas concepções de história de vida, narrativas (Labov, 1972; Linde, 1993, Mishler, 2002), crônicas e explicações (Linde, 1993).

Do ponto de vista das identidades, assumimos que as identidades são construídas no discurso, na e pela linguagem (Bucholtz & Hall, 2005). Ao se construir na e pela linguagem, acionando diferentes discursos, o adolescente não a faz como um interlocutor ou usuário simplesmente, mas a partir de suas marcas identitárias sócio-históricas. Moita Lopes (2002, p. 92) debate a visão particular da linguagem ou discurso como ação social, seu papel mediador na construção da identidade social e questões relacionadas à sexualidade.

A relevância social deste estudo destaca-se pela contribuição na construção de mais abertura e socialibilidade nos espaços familiar, escolar, religioso e profissional. É importante mostrar para a sociedade que o homoerotismo não pode ser um motivo para a exclusão deste grupo que tem família, emprego e espiritualidade como cidadão brasileiro.

Com esta pesquisa, reconhecemos a relevância política do assunto para que as autoridades competentes construam e implementem programas e políticas públicas que assegurem aos homoeróticos a condição de sujeito de direitos e deveres.

Esta pesquisa discute a relevância epistemológica da temática homoerótica na adolescência como uma reflexão em torno das interações e conflitos para auxiliar nas relações entre o adolescente e a família, amigos, professores e profissionais.

A metodologia da pesquisa é de base qualitativa por sua natureza epistemológica de ver o mundo por meio de uma perspectiva interpretativista. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 193), a “investigação qualitativa é um terreno

ou uma arena para a crítica científica social e um tipo específico de teoria social, metodologia ou filosofia”.

As entrevistas de pesquisa de natureza etnometodológica (Baker, 2001; Hutchby & Wooffitt, 1988) e sociolinguística (Schiffrin, 1993) foram realizadas com um adolescente homossexual. Optamos pelo estudo de caso (Yan, 2005) por possibilitar estudar em profundidade um fenômeno de natureza complexa, através das narrativas, crônicas e explicações co-construídas no decorrer da entrevista de pesquisa. O sujeito de pesquisa é brasileiro de classe C, 18 anos de idade, ensino médio completo e estuda para concursos.

A respeito da organização, esclarecemos que a dissertação está estruturada em sete capítulos, sendo a introdução o primeiro. O capítulo 2 traça uma visão do gênero, da adolescência e da sexualidade homossexual. Serão abordadas as questões que envolvem: i) gênero e masculinidade na adolescência; ii) construção sócio-histórica da homossexualidade, os termos e conceituações e os estudos sobre a homossexualidade na adolescência; iii) a relação e convívio com os outros: a família, os amigos e os estranhos e iv) a questão de assumir-se como homossexual e “Sair do Armário”.

No capítulo 3, apresentam-se os fundamentos teóricos necessários para o estudo, análise de dados, interpretações e reflexões no desenvolvimento deste trabalho. Inicia-se com os estudos sobre as concepções de identidades (Bucholtz & Hall, 2005; Moita Lopes, 2002; 2003; Hall, 1996; Sarup, 1996), os princípios norteadores sobre as construções de identidades (Bucholtz & Hall, 2005; Hall, 2000), posicionamento sócio-interacional do ‘eu’ com o(s) outro(s) (Brandão, 2003; Bastos & Santos, 2006; Kae, 2003; Silva, 2000), identidade e estigma (Liang, 1999; Land & Kitzinger, 2005; Goffman, 1988), confiança e intimidade (Castañeda, 2007; Isay, 1998; Erikson, 1972), semelhança e diferença (Woodward, 2000; Bucholtz & Hall, 2003; Silva, 2000) e os alinhamentos interacionais e as projeções do ‘eu’ (Ribeiro e Garcez, 2002; Goffman, 1979; Goffman, [1981]2002). No segundo tópico, abordamos os estudos da análise da narrativa (Labov, 1972; Linde, 1993; Bastos, 2005; Mishler, 2002): narrativa, avaliação, história de vida, crônica, explicação e o modelo de tempo de Mishler.

No capítulo 4, descreve-se a metodologia da pesquisa dividida em quatro seções: i) a natureza da pesquisa (Gaskell, 2002), a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa qualitativa e interpretativista (Bogdan & Biklen, 1982; Denzin & Lincoln, 2006; Gaskell, 2002; Gil, 1987; Lakatos & Marconi, 1993; André, 1995; Minayo, 1992, 1993, 2000). A pesquisa qualitativa trabalha com dados subjetivos, crenças, valores, opiniões, fenômenos, hábitos (Denzin et al, 2006; Gil, 1987; Lakatos & Marconi, 1993; Lüdke & André, 1986; Minayo, 1993), do estudo de caso (Yin, 2005; André, 1995; Marconi e Lakatos, 1991), da entrevista de pesquisa (Lakatos e Marconi, 1993; Gil, 1987; Minayo, 1996), da entrevista narrativa (Joychelovitch e Bauer, 2002), e do modelo de Mishler (2002); ii) a natureza do *corpus*, das entrevistas e o sujeito da pesquisa; iii) o tratamento dos dados (Atkinson & Heritage, 1984), a fala em interação (Myers, 2002; Mishler, 2002) e o mapeamento temático dos dados orais e iv) a pesquisa qualitativa e as sexualidades (Denzin, 2006).

No capítulo 5, analisam-se os dados que foram organizados em blocos narrativos temáticos relacionados ao entrevistado e ao referencial teórico que envolvem o homoerotismo e as relações familiares e sociais. Iniciamos o capítulo com a abordagem da iniciação da homossexualidade até ‘sair do armário’, analisamos a iniciação da homossexualidade, as relações conflituosas de convívio com a família, os conflitos com a mãe e o padrasto, a evitação do pai, o silenciamento com estranhos, a revelação para os amigos e assumindo a homossexualidade.

No capítulo 6, apresentamos as análises e reflexões a partir das categorias construídas por Pedro. Estão em foco as categorias de gênero e sexuais construídas e como essas categorias se relacionam com a discussão sobre as categorias nomeadas como homossexualidade, homoerotismo, homoafetividade, identidades gay, heterossexualidade. Tratamos das categorias do ponto de vista de sua construção entre entrevistado e entrevistador, de acordo com Sacks (1992), que propõe ver os mecanismos de categorização no curso da entrevista e a importância das categorias para a organização social (Sacks, 1992, p. 39). Analisamos as construções de categorias de “ser gay”, as construções de identidade(s) sexuais, gay como uma categoria identitária, o “jeito de gay”, a categoria ‘gay’ negada, a diferenciação de categoria heterossexual (práticas

culturais), a co-construção do entrevistador, a co-construção da categoria de homoafetivo, o casal gay” e a categoria de gênero: ser Homem.

Por último, no capítulo 7, tecem-se as considerações finais desta pesquisa. Esperamos que, com este estudo, possamos aprender a conviver com as diferenças sexuais, aceitá-las e respeitá-las. Este é um dos maiores desafios deste século e um dever de todo cidadão. Respeitando as diferenças, poderemos viver num mundo mais harmonioso e justo.